Editorial

Representações e práticas no conhecimento do território

André Reyes Novaes e Sergio Nunes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1550>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1550

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

André Reyes Novaes e Sergio Nunes, «Editorial», *Terra Brasilis* [Online], 6 | 2015, posto online no dia 17 dezembro 2015, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1550> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.1550>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Editorial

Representações e práticas no conhecimento do território

André Reyes Novaes e Sergio Nunes

- 1 Dando sequência ao número anterior da *Revista Terra Brasilis* referente ao Seminário Internacional “Circulação das ideias e história dos saberes geográficos: hierarquias, interações e redes”, reunimos no presente número as contribuições agrupadas em torno da temática “representações e práticas no conhecimento do território”, que se fez presente no evento no interior dos três eixos da programação.
- 2 Nesta rubrica se enquadram trabalhos que abordam as diversas modalidades de saber mobilizadas por agentes envolvidos na produção material e simbólica do território, seja em âmbitos nacionais, zonas fronteiriças ou espaços geográficos mais vastos, reais ou imaginados. Os editores se sentem felizes por publicar, em quatro idiomas, trabalhos que versam sobre mapas, relatos de viagem, ensaios eruditos, ações territoriais governamentais e outros temas.
- 3 O número tem início com textos que buscam tratar de forma mais metodológica a questão da representação do território por meio de imagens. Este é o caso do artigo da professora Carla Lois, que trata do mapa como uma metáfora: *El mapa como metáfora o la espacialización del pensamiento*. Indo além de uma abordagem simplesmente representacional, na qual a cartografia expressa elementos materiais e empíricos, o texto da autora propõe um caminho onde o mapa funciona como uma metáfora, que pode ser aplicada a temas abstratos. Considerando o mapa como uma forma de se pensar espacialmente, a autora valoriza a passagem de um espaço euclidiano para um espaço topológico e apresenta exemplos criativos para ilustrar seus argumentos. Ao valorizar os processos cognitivos ativados pelas imagens, Lois oferece uma visão bastante inovadora sobre o significado do substantivo “mapa”, palavra tão recorrente nos artigos distribuídos ao longo dessa revista.
- 4 O texto de Guilhem Labinal também oferece uma reflexão mais metodológica sobre o papel das imagens na construção e difusão de formas específicas de se representar os territórios. Sob o título *Le monde dévoilé par l'image: quelle rhétorique photographique dans les magazines grand public de géographie?*, o artigo do autor foca especificamente nos procedimentos visuais utilizados nas revistas de geografia para atrair os leitores e

transmitir informações sobre o mundo. Embora proponha uma tipologia abrangente das funções das imagens nas revistas que circulam para o grande público, Labinal apoia suas afirmações em um trabalho de arquivo detalhado, que reuniu centenas de imagens fotográficas publicadas em edições francesas das Revistas *Geo* e *National Geographic*.

- 5 A circulação do conhecimento geográfico e seus impactos na produção de imagens cartográficas foi uma temática bastante recorrente entre os trabalhos apresentados, que seguiram mais de perto os eixos propostos no Simpósio. No artigo *The Indian Ocean in Arab Geography: Transmission of Knowledge between Formal and Informal Geographical Traditions*, Marina Tolmacheva busca estudar a transmissão do conhecimento sobre o Oceano Índico nos estudos arábicos medievais. Por meio da apresentação de diversos mapas sobre a região estudada, a autora busca explorar as transferências de conhecimento entre registros formais e não formais, considerando ainda as trocas entre a geografia acadêmica e o conhecimento prático dos marinheiros sobre as costas do Oceano Índico.
- 6 O impacto da transmissão do conhecimento informal na produção de imagens sobre os territórios explorados também é uma temática que aparece com força no trabalho de Carolina Martínez, intitulado *El impacto de los saberes geográficos en el relato utópico de la modernidad temprana a partir del caso de la Histoire du Grand et Admirable Royaume d'Antangil (1616)*. Nesse artigo, a autora tem como objetivo analisar o vínculo entre a produção de relatos de viagem do tipo utópico e os avanços do conhecimento geográfico na Europa do início da modernidade. Mais especificamente, a pesquisa considera como o conhecimento geográfico alcançado no período dos chamados grandes descobrimentos foi incorporado pelos relatos utópicos publicados no transcorrer do século XVII.
- 7 Mas se no século XVII os relatos de viagem ainda tinham amplo espaço para a utopia e a imaginação, nos séculos seguintes o desenvolvimento de uma concepção “moderna” de ciência buscou muitas vezes diferenciar, sistematizar e generalizar saberes locais e informais. A busca por padrões gerais na ciência dos oitocentos é o pano de fundo do artigo *Do Congresso de Washington à adoção da Hora Legal Brasileira: relações entre ciência, sociedade e política*, assinado por Sabina Luz e Moema Vergara. A pesquisa das autoras buscou analisar o processo de adoção do meridiano de Greenwich como meridiano inicial de longitude, considerando as discussões do Congresso de Washington (1884) e a participação de um representante brasileiro, Luiz Cruls. Buscando entender como o sistema horário internacional foi adaptado ao território brasileiro, as autoras exploram ainda representações utilizadas no processo de adoção da Hora Legal Brasileira entre 1911 e 1913.
- 8 A circulação e a incorporação de modelos, normas e linguagens, também é uma temática que aparece no artigo de André Reyes Novaes, *A Geopolítica pelas Imagens: Linguagem Cartográfica e Circulação de Ideias Geopolíticas no Brasil*. O artigo busca estudar o uso de mapas na difusão de teorias sobre as fronteiras em publicações de dois autores, geralmente associados a momentos distintos e antagônicos no pensamento geopolítico brasileiro: Everardo Backheuser e Carlos de Meira Mattos. Tendo como objetivo valorizar o papel das imagens na produção e circulação do conhecimento, o autor sugere que o estudo das linguagens cartográficas pode contribuir para relativizar narrativas históricas tradicionais sobre a circulação de ideias geopolíticas no Brasil.
- 9 O objetivo de problematizar leituras tradicionais sobre autores e instituições políticas brasileiras apareceu em uma série de trabalhos, que ofereceram interpretações

inovadoras sobre as formas de se pensar o território e a população no Brasil. Este é o caso do trabalho de Paulo Godoy, intitulado *Território e Raça no pensamento de Alberto Torres*, no qual o autor explora o discurso do jurista fluminense tendo como objetivo analisar o conteúdo geográfico das suas ideologias racistas. O texto foca na circulação de ideias no contexto de independência das colônias europeias apresentando como o pensamento de Alberto Torres foi apropriado e teve uma função social no final do século XIX associada a consolidação do trabalho assalariado e da propriedade privada da terra.

- 10 A força de um pensamento conservador na concepção de práticas e representações sobre o território brasileiro também são elementos presentes com amplo destaque no artigo de Gustavo Soares Iorio. Em *Cordeiro de Farias e a modernização do território brasileiro por via autoritária: a gênese do Ministério do Interior (1964-1966)*, o autor analisa o papel do ministro responsável pela institucionalização do Ministério do Interior pós-1964. Ao considerar um momento importante na história política do Brasil, Iorio busca evidenciar como a criação do Ministério possibilitou a adoção de um novo sentido atribuído ao território. A biografia e as relações interpessoais de Cordeiro Farias teriam possibilitado uma articulação de projetos territoriais distintos por meio da formação de um órgão estatal.
- 11 As representações do território brasileiro cresceram consideravelmente com a exploração e a incorporação promovida por projetos governamentais. Se na década de 1960 o Ministério do Interior ainda se preocupava em desenvolver áreas recônditas do território, no início do século XX algumas regiões estavam ainda sendo mapeadas e conectadas com as linhas de comunicação nacional. Essa temática aparece de forma explícita no artigo de Maria Gabriela Bernardino sobre a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas, ou a “Comissão Rondon”, intitulado *Redesenhando a Fronteira Noroeste: a Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. Indo além da descrição da instalação das linhas telegráficas ou do estudo sobre os contatos da Comissão com povos indígenas, aspectos bastante enfatizados em pesquisas sobre o tema, a autora foca sua atenção no processo de elaboração da Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas (1917-1952), projeto chefiado pelo General Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, cartógrafo da Comissão Rondon.
- 12 A relação entre exploração e representação é muito cara a história da geografia. O ato de percorrer o espaço, como Rondon explorando o interior do Brasil, foi geralmente antecedido e precedido pela leitura de mapas. No entanto, apesar de serem práticas constituintes no processo de conhecimento do território, pouca atenção sistemática tem sido dada as transformações nas formas de se percorrer e representar o espaço. Neste sentido, o artigo de Quentin Morcrette traz uma contribuição bastante original, discutindo como as novas técnicas cartográficas questionam categorias tradicionais, como cartografia de itinerário e cartografia de referência. Em *Traverser la surface*, o autor trata justamente de representações voltadas para o ato de percorrer o espaço, comparando mapas de rotas na França e nos Estados Unidos. Ao explorar exemplos selecionados, o artigo aponta semelhanças e diferenças semiológicas entre os contextos de produção desta forma peculiar de cartografia.
- 13 Para finalizar este número, fruto de um encontro amigável da comissão de História da Geografia da UGI no Rio de Janeiro, nada melhor do que agrupar duas pesquisas assinadas pelo presidente da comissão na ocasião, Jacobo García Álvarez. Atendendo de forma precisa a chamada de trabalhos para o Simpósio, o artigo produzido em parceria

com Jean-Yves Puyo, trata justamente da troca e da circulação do conhecimento nas Comissões de fronteiras luso-franco-espanholas formadas nos séculos XVII e XIX. Ao considerar as Comissões como espaços institucionais de produção, circulação e intercâmbio de conhecimentos sobre o território, os autores discutem mais especificamente o papel da cartografia e do conhecimento geográfico nos processos de delimitação das fronteiras. Analisando uma série de propostas teóricas e metodológicas previamente utilizadas, a pesquisa propõe a valorização de um estudo comparado dessas instituições.

- 14 O eixo temático do artigo anterior se mantém na pesquisa realizada por Jacobo Garcia Álvarez e Paloma Puente Lozano. No artigo, intitulado *La delimitación de la frontera luso-española en el río Miño (1855-1906): conflictos territoriales y representaciones cartográficas*, os autores buscam traçar um panorama da demarcação moderna da fronteira hispano-portuguesa. Apesar de seguir estudando a produção de conhecimento sobre as fronteiras, o enfoque desta pesquisa não está tanto nas questões metodológicas associadas a história comparada das instituições, mas sim em uma rica documentação geográfica e cartográfica sobre a delimitação e a demarcação fronteiriça. Tendo como marco a fronteira definida pelo rio Minho, estabelecida pelo Tratado de Limites de 1864, os autores oferecem uma análise dos conflitos territoriais anteriores, possibilitando que os leitores tenham acesso a diferentes controvérsias expressas pelas imagens.
- 15 A diversidade de temas e abordagens nas pesquisas apresentadas nestes dois números da Revista Terra Brasilis, evidencia como foi rica a troca de experiências durante o Simpósio da UGI no Rio de Janeiro. Muitas pesquisas se aproximam e os diálogos em torno dos objetos e métodos se mantiveram após o final do evento. Esperamos que esta rede se amplie cada vez mais, para que a *Revista Terra Brasilis* siga publicando em suas páginas pesquisas qualificadas, frutos de debates entre geógrafos nacionais e estrangeiros.

AUTORES

ANDRÉ REYES NOVAES

PPGEO-UERJ

SERGIO NUNES

DG-UFF